

^{educação} Programa alfabetizará 500 mil

■ Desafio de ensinar a escrever atrai 8 mil voluntários para o Alfabetização Solidária

Jurema é uma cidade no Sul do Piauí com 3.984 habitantes, dos quais 60% são analfabetos. Em todo o município, apenas 18 pessoas têm o segundo grau completo. Mas, no fim do ano passado, uma esperança para a educação chegou à cidade, procedente da quase vizinha Caracol. Era o programa Alfabetização Solidária, que comemora dois anos neste mês, atendendo os 581 municípios com maiores taxas de analfabetismo do país.

O Alfabetização Solidária é uma parceria entre o Programa Comunidade Solidária, o Ministério da Educação, universidades particulares e iniciativa privada que já atendeu 251 mil alunos desde sua criação, em janeiro de 1997. Com meta de levar o alfabeto a 500 mil pessoas em 1999 – só para este semestre, são 200 mil os inscritos –, o projeto conta com recursos das 48 empresas conveniadas e do MEC e oferece cursos com duração de seis meses, duas vezes por ano. Os professores são habitantes das próprias localidades, com pelo menos o primeiro grau, selecionados e orientados por representantes das universidades participantes.

Curso – "Antes de começar a lecionar, os alfabetizadores passam por um curso de capacitação nas universidades", explica Regina Estevez, coordenadora-executiva do Alfabetização Solidária. Em janeiro e fevereiro, milhares deles estão saindo de suas cidades em direção aos campus das universidades que integram o programa.

Os vinte alfabetizadores de Jurema e de Caracol voltam hoje para seus municípios, depois de passar três semanas no Rio de Janeiro. São estudantes, pintores, vendedores e outros profissionais, que, sob os cuidados da coordenadora Ruth Levi, professora da Universidade Santa Úrsula, conheceram metodologias de ensino e atrações turísticas da cidade. A partir do dia 22, cada um deles será responsável pela alfabetização de uma turma de 25 alunos em suas cidades.

Alguns deles mal conseguem esperar. Silvoneide Sousa, 20 anos, que só concluiu o primeiro grau, não teve dúvidas em se apresentar quando a professora Ruth fez a seleção dos alfabetizadores em Jurema. "Desde criança eu tenho esse sonho. Depois pretendo continuar os estu-

dos, ser uma professora formada", disse, no Jardim Botânico, durante o último passeio do grupo.

O entusiasmo pelo Alfabetização Solidária tem as mais diversas razões. No caso da manicure Gabriela Rubem, 22 anos, de Caracol, a motivação está na família. "Tenho um irmão de 20 anos que é analfabeto. Ele não quer minha ajuda, mas espero que a ajuda que vou dar aos outros sirva de exemplo", espera.

A busca de exemplos como esse anima a professora Ruth Levi. Uma vez por mês, ela viaja aos municípios para acompanhar o trabalho realizado. "Não é só a educação, é uma nova visão que queremos criar. Em Caracol dizem que existe a cidade de antes e de depois do Alfabetização Solidária", conta. A popularidade do programa é tão grande que os habitantes de Caracol chegaram a indicar o nome de Ruth para prefeita.

Evasão – Mas nem tudo é alegria nos municípios em que o Alfabetização Solidária atua. A pobreza e os desacertos eventuais com as prefeituras geram evasão média de 20% dos alunos ao longo dos cursos. "Mas, para um programa desse tipo, é uma evasão muito baixa, aceita pela Unesco", afirma Regina Estevez. Ela prefere lembrar casos bem-sucedidos, como o do município de Salitre, no Ceará. "Muitos dos alunos do primeiro módulo, em 97, estão agora em cursos supletivos. Já se descobriu até um poeta na cidade", comemora.

Os planos para o futuro são ambiciosos. Além da expectativa de alfabetização de 500 mil alunos neste ano, o programa está ampliando as atividades. "Já ajudamos repassando fundos para a criação de cursos supletivos nos municípios em que trabalhamos. Agora queremos criar cooperativas para a geração de renda", diz Regina Estevez.

Se depender da população de Jurema e Caracol, apoio não vai faltar. Ada Rocha, coordenadora do programa em Caracol, compara o Alfabetização Solidária a experiências anteriores no município. "Tivemos vários projetos antes, mas esse é o único sério. Depois dos cursos, tanto alunos quanto alfabetizadores sentem necessidade de continuar os estudos", relata. Aprovada no vestibular para Letras, Ada começa a vida universitária em março.